

## GIAMBATTISTA VICO: UMA CRÍTICA AO MODELO MODERNO DE EDUCAÇÃO

João Carlos Oliveira Cavalcante  
Humberto Aparecido de Oliveira Guido  
Universidade Federal de Uberlândia

### RESUMO

Giambattista Vico (1668-1744), filósofo italiano natural de Nápoles, viveu em um período marcado por várias descobertas científicas e, principalmente, pela “crença” no poder da razão em conhecer o mundo natural. Para Vico, a filosofia até então só havia tratado do mundo natural, o qual, para ele, só pode ser conhecido por Deus, que o criou; e, por isso, decidiu investigar a origem do mundo social, porque este foi criado pelos homens, e, por tal motivo, pode-se chegar a um conhecimento concreto a seu respeito. Em outros momentos desta mesma obra ele faz outras críticas à filosofia moderna, contudo uma nos chamou a atenção por sua aspereza. Ele diz que a filosofia considera o homem tal como ele deve ser e que, deste modo, não aproveitará senão a pouquíssimos; e que, ao contrário, para que ela possa servir ao gênero humano deveria pensar o homem “sem lhe distorcer a natureza”, isto é, aceitando-o tal como é. Vico é um racionalista, pois acredita que a razão do homem, na busca constante de satisfação de suas necessidades, é que constrói a história. Contudo, o consideramos também um humanista visto que se preocupa em pensar o homem como ele é, partindo daquilo que lhe é mais intrínseco: o meio social, a cultura e a educação. E é nesta perspectiva, de pensar o homem sem lhe distorcer a natureza, que nos pautaremos para desenvolver nosso tema de pesquisa, que versará sobre a crítica de Vico aos moldes educacionais adotados na modernidade – os quais até hoje são a base de muitos modelos contemporâneos –, bem como a sua proposta para a educação. Dessa maneira nosso estudo consistirá em demonstrar a crítica de Vico ao *Ratio Studiorum* e aos manuais de *Port-Royal*, os quais julgamos que admitem o homem como deveria ser e não como é. O autor que nos propomos a estudar julga ambos inadequados: o primeiro pelo formalismo e obviedade dos exercícios propostos aos alunos e o segundo pelo grau de dificuldade dos exercícios e dos raciocínios abstratos, considerados prematuros para a idade crianças. O filósofo italiano admite a educação como um processo de formação e não de ensino/aprendizagem. Outro fator importante é que ele defende que o homem tem um processo de desenvolvimento intelectual que deve ser respeitado e que interferir – no sentido de não respeitar o modo como ele se dá – neste processo pode implicar em uma interrupção do processo de desenvolvimento, ou mesmo um refrear do pensamento próprio do ser humano. Para Vico o homem tem que passar de maneira natural pelos diferentes estágios de desenvolvimento da sua razão, na infância predomina a fantasia, a criação, o evoluir pelo que é percebido pelos sentidos; na adolescência tem-se a evolução para os questionamentos do que se tem como certo na infância, é um período de reflexão e abstração mais elevado; e na fase adulta temos uma maior maturidade da razão, momento em que o homem passa a uma reflexão mais atenta sobre o mundo que o cerca, no sentido de estabelecer sua relação com este nos seus mais variados aspectos, seja político-cultural, econômico, dentre outros. Enfim, nossa pesquisa tem o objetivo de fazer um estudo acerca da teoria viquiana no que concerne à educação, partindo da crítica que o mesmo faz ao método de ensino moderno, no intuito fundamentar a visão humanista de Vico a respeito da educação. Para tanto a metodologia de estudo se pautará em uma pesquisa bibliográfica, a qual dividimos em principal e secundária. A primeira trata das principais obras de Vico – principalmente *A Ciência Nova* e as *Orações Inaugurais* – o *Ratio Studiorum*, a *Lógica* e a *Gramática de Port-Royal*. A segunda refere-se às obras, artigos, e periódicos de comentadores das obras da bibliografia principal. Até o momento podemos apresentar como resultados da pesquisa, a partir das análises e reflexões realizadas, que Vico propõe uma teoria inovadora no contexto moderno no que concerne à educação, pois prima por um humanismo da mesma, evidenciando a necessidade de um método educacional que observe a questão do desenvolvimento intelectual dos alunos, bem como a cultura na qual o mesmo está inserido, que não deve ser deixada de lado, visto que esta interfere no desenvolvimento do mesmo. A teoria de Vico quebra com a educação tradicional de sua época e propõe um método que busque não ensinar, mas auxiliar o homem na sua formação intelectual, social e cultural.

## TRABALHO COMPLETO

O tema que nos propomos a trabalhar versa sobre dois motes bem polêmicos, quais sejam: a educação e o período que se convencionou denominar moderno. O primeiro é bastante discutido, mesmo porque todos temos alguma opinião ou predileção por determinada teoria educacional. A maioria de nós se sente apto a falar sobre educação e defende com afinco aquilo que julgamos correto no que concerne ao processo de ensino/aprendizagem. Eis outro ponto de controvérsias, educação como sinônimo de um processo em que há um professor, o qual é detentor do conhecimento, e um aluno, receptor (ou receptáculo) daquilo que o primeiro tem a ensinar.

Dessa maneira, percebermos a complexidade que é tratar sobre a educação. Contudo, nosso tema de estudo está situado historicamente em uma época também controversa, visto que existem divergências sobre quando começou o período moderno e se o mesmo acabou, isto é, se estamos realmente em uma pós-modernidade.

Este capítulo não tem o objetivo de acabar com as polêmicas sobre os temas acima mencionados, mas de situar a Vico na modernidade. Julgamos coerente fazê-lo para que não haja problemas conceituais, como, por exemplo, o de modernidade, quando tratarmos efetivamente da crítica ao pensamento educacional moderno e, posteriormente, da teoria educacional deste autor napolitano.

Desse modo, iniciaremos o capítulo com uma reflexão sobre o conceito de modernidade, buscando não definir quando começou, muito menos entrar na discussão sobre a possibilidade de existir ou não uma pós-modernidade. Objetivamos caracterizar, ressaltar alguns fatores relevantes deste período, para que possamos compreender as críticas de Vico à filosofia e ao pensamento educacional que prevaleceu no mesmo.

### 1.1- A modernidade: algumas reflexões

A modernidade é considerada por muitos o período histórico mais fértil do pensamento filosófico denominado racionalismo, assim como das descobertas científicas. Sobre esta existem várias discussões. Parece que não há uma concordância no meio acadêmico e científico sobre vários aspectos deste momento histórico, a começar pelo seu início, ou seja, a partir de que século podemos dizer que houve um rompimento com o pensamento medieval; bem como no que concerne ao seu término, pois vários estudiosos, principalmente das ciências humanas, discordam do conceito de pós-modernidade, isto é, para alguns ainda não nos dissociamos completamente do paradigma da modernidade, o que descaracterizaria a suposta entrada em uma pós-modernidade.

Esse debate é interessante e vasto, mas não é o objeto principal deste estudo. O período ao qual nos referimos é marcado por contradições, superação de paradigmas, pela busca de uma compreensão racional do mundo natural. A nosso ver retomou-se, de certa maneira, a noção de *cosmos* grega, isto é, um mundo ordenado e organizado. Em outras palavras, nos parece que o intuito moderno era o de Heráclito de Éfeso (545 – 480 a.C.) que, ao contrário dos demais filósofos hoje denominados como pré-socráticos – os quais buscavam a *arché*, ou seja, o princípio constitutivo dos *cosmos* –, procurou formular a lei que rege este *cosmos*, que, de certo modo, descreve a maneira como o mundo natural “funciona”. Temos nas palavras deste filósofo grego.

“Este cosmos (sentenciou Heráclito), igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, e sempre será...” .Ninguém o fez porque ele é eterno, e, por consequência, incriado e imperecível: desprovido de uma vontade criadora anterior (ou externa) à sua destinação de se reproduzir sempre. Por isso, este mundo, é indicado como dado, posto aí, diante dos nossos olhos e dos nossos sentidos, e o que temos a fazer, é buscar compreendê-lo por aquilo que se mostra. [...] O mundo de fenômenos ao mesmo tempo em que se mostra, oculta as suas razões. É de sua índole, tanto o se ocultar como também o se assumir, mediante um aparência ou maquiagem comunicativa, pela qual a Natureza provoca em nós o desejo de a conhecer.[...] Conhecemos a Natureza não tanto por aquilo que se mostra, mas principalmente por aquilo que inferimos sobre ela. (SPINELLI, M., 1998, p. 193)

Os escritos da passagem acima, que retrata o pensamento de Heráclito, parecem ser tão modernos. Observar o mundo e, a partir de tal observação, conceber explicações acerca do mesmo. Produzir racionalmente inferências acerca do mundo – mesmo porque este se constitui enquanto *cosmos* –, o qual possui, como já dissemos, uma organização e ordenação tal que não muda, de tal modo que possamos conceber Leis que expliquem seu “funcionamento”.

“O conflito é o pai e o rei de todas as coisas” [...]. “O oposto é conveniente, e das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia” [...]. Sem nascimento e perecimento, sem geração e destruição, vida e morte, a perpetuidade do mundo seria insustentável, e, por conseqüência, a sua própria existência. Sem oposição ou diferenças, também o viver humano seria insustentável, pois desativaria todo o móvel do seu querer e agir, e, conseqüentemente, o próprio logos<sup>1</sup> autenticador do nomos<sup>2</sup> da deliberação humana. (SPINELLI, M., 1998, p. 196)

Para Heráclito o que comanda a ordem do mundo é a luta, ou melhor, harmonia dos contrários, a perenidade das coisas que fazem parte da Natureza, seja homem, planta, animal, mineral ou qualquer outra coisa. O mundo é eterno<sup>3</sup>, assim como a sua ordem, porém suas partes, aquilo de que ele se constitui está em constante renovo, em um eterno devir. Em outras palavras, se não existir guerra não há paz, se não existir morte não há vida nem nascimento, sem a perenidade das coisas tudo seria eterno e posto, condição que, para Heráclito, é perceptivelmente incoerente com a realidade. A teoria heraclitiana consiste, então, no estabelecimento de uma lei que rege o *cosmos*, a de que tudo é um eterno devir, um vir-a-ser constante, pois tudo nasce, cresce e morre, o jovem envelhece, o verde apodrece, tudo está sujeito ao tempo e, assim, à harmonia dos contrários, já que é por existir os contrários que se tem uma perfeita ordenação da existência do mundo.

Lavoisier disse que “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Fica a pergunta se ele conseguiu algo mais do que fazer uma adaptação da teoria heraclitiana, mas também demonstra o ideal moderno: compreender o mundo natural a partir da observação e da razão.

Temos também nas palavras de Jürgen Habermas, em sua obra *O discurso filosófico da modernidade*, quando comenta Max Weber.

[...] Para Max Weber era ainda evidente a relação íntima, não apenas contingente, portanto, entre a modernidade e aquilo que ele designou como racionalismo ocidental. Ele descreveu como *racional* esse processo de desencanto que levou a que a desintegração das concepções religiosas do mundo gerasse na Europa uma cultura profana. As modernas ciências empíricas, a autonomização das artes e as teorias da moral e do direito fundamentadas a partir de princípios levaram aí à formação de esferas culturais de valores que possibilitaram processos de aprendizagem segundo as leis internas dos problemas teóricos, estéticos ou prático-morais, respectivamente. (HABERMAS, J. 1990: 13)

Weber, na passagem acima, aparentemente defende que o período moderno começou a partir de uma profanação da cultura, ou seja, a saída da chamada Idade Média com explicações do mundo baseadas na cultura cristã e, conseqüentemente, de cunho religioso, pautado na Bíblia Sagrada; e a entrada em uma Modernidade, um tempo em que a investigação empírica, por meio de experimentos e

<sup>1</sup> Logos é *logos* no alfabeto grego e significa pensamento racional, sendo que na filosofia de Heráclito é o que vai determinar a lei que rege a ordem do mundo, ou seja, existe uma racionalidade na maneira como o mundo “funciona”.

<sup>2</sup> *Nomos* é *nomos* em grego e significa lei, deliberação, governo, princípio regulativo.

<sup>3</sup> Fizemos questão de ressaltar que para Heráclito o mundo é eterno para evidenciar que o mesmo não procurava o princípio do mesmo (*arché*), pois aquilo que é eterno não tem começo nem fim, diferentemente do que é infinito, pois este não tem fim, mas teve um início, isto é, algo que lhe deu origem.

observação do mundo, é que consegue explicar o modo como este “funciona”. A ciência explica, não mais a fé nas sagradas escrituras.

Não estamos dizendo que houve um rompimento, no seu sentido *stricto*, com a igreja, ou seja, que todos os cientistas que quisessem suas teorias aceitas pela sociedade deveriam ser ateus. Muito pelo contrário, ainda existia o respeito pela religião e por seus preceitos, contudo estes não eram mais a única explicação para a forma como o mundo se desenvolve. O que aconteceu foi uma descentralização do conhecimento.

Esta reflexão nos remonta, novamente, à filosofia grega, pois esta constitui uma saída da mitologia – que consistia em uma explicação fantasiosa do mundo –, para que surgisse um novo modo de explicação deste mundo, tanto social quanto natural. Em outros termos, é uma descentralização do conhecimento que não mais é pautado apenas no sagrado, mas também, e agora com maior credibilidade que o primeiro fundamento (mito), na racionalidade (*logos*).

Toda a argumentação que realizamos até o momento nos leva a pergunta inicial: “o que devemos denominar de moderno ou modernidade?”. Esta questão fica ainda mais complexa se admitirmos as relações feitas neste estudo entre o que discutimos sobre os fundamentos daquilo que denominamos modernidade e a antiguidade, pois nos parece que os ideais são bem próximos, sendo distintos, talvez, apenas no nível de desenvolvimento ou progresso.

Não estamos afirmando que a modernidade é apenas uma remontagem do ideal dos gregos da antiguidade, mas apenas fazendo um paralelo que, pensamos, ser proveitoso e interessante para a compreensão da chamada modernidade.

Podemos nos servir de outros exemplos deste ideal, tais como: a chamada revolução copernicana que muda o paradigma geocêntrico de Ptolomeu (de pregava que todos os planetas giram em torno da Terra) para o heliocêntrico (o qual admite que todos os planetas giram em torno do Sol); Galileu Galilei (1564-1642), o qual é responsável pelos alicerces da mecânica, como fica explícito no comentário de Enrico Bellone<sup>4</sup> quando diz que “graças à observação da queda dos corpos e ao estudo das relações entre as velocidades, Galileu explicou, por volta de 1604, a equação horária do movimento, uma das leis fundamentais da mecânica moderna” (2005: 24); Francis Bacon (1558-1626), como percebemos nas palavras de Baby Abrão, tinha “certeza de que, entendendo a natureza, o homem poderia dominá-la e evitar que lhe causasse danos. [...]” (2005: 113) e insistia “na experimentação e no método indutivo – que parte da observação de casos particulares para, sistematizando-os, chegar a generalizações como forma de conhecer o mundo natural” (2005:114); na arte temos Leonardo Da Vinci (1452-1519), considerado um dos grandes gênios do Renascimento pelos seus estudos, invenções e pela forma como pintava e desenhava. Sobre Da Vinci, Domenico Laurenza diz que “o saber empírico e a linguagem visual fascinam o jovem Leonardo da Vinci e predominam em seus primeiros trabalhos: sua visão naturalística tende a ser dominada pelo movimento e pela contínua metamorfose das formas naturais” (2005:07), ou seja, o artista saiu do estilo voltado para o caráter mais fotográfico e deu dinamismo às formas.

É importante ressaltar que o movimento cultural que mais marcou essas modificações no modo de pensar foi o que se chamou Renascimento (séculos XV e XVI). Mas é necessário perguntar-se qual é o significado de re-nascimento. Re-nasce, de certa maneira, o pensamento clássico grego, principalmente sua crença na razão humana, que causou a passagem do mito para o *logos*. Novamente a autoridade, dessa vez a da igreja, será questionada, para que a razão busque sua autonomia contra a autoridade anterior. Contudo, ressalta Bernadette Siqueira Abrão:

Mas o Renascimento não é apenas a retomada da marcha triunfal da razão e do espírito científico após a “longa noite medieval”, como muitas vezes foi caracterizada, de modo simplista a Idade Média. [...] A originalidade do Renascimento está em construir uma nova imagem do mundo a partir da permanência de elementos do passado. É em nome do humanismo que o homem, mesmo temeroso, começa a separar-se da grande ordem do universo, para ser o seu expectador privilegiado. (2005:127-128)

Mais à frente ela ainda diz:

<sup>4</sup> Professor de História das ciências da Universidade de Pádua

Desde a Grécia antiga a razão pôde pretender abarcar o mundo porque, de certa forma, o próprio mundo era concebido como racionalmente ordenado e unificado. Nos tempos modernos, no entanto, essa imagem já não existe. Não há mais a pólis, o Império ou uma igreja única; a realidade apresenta-se dispersa, múltipla e relativa. Cabe à razão a tarefa de reunificar o mundo, reproduzi-lo, representá-lo. [...] O termo representação indica exatamente essa operação da razão, tornar de novo presente. Mas “tornar de novo presente” a imagem unificada do mundo é também destruir o que se apresenta como disperso e desconexo. Por isso, a representação nega e ultrapassa a realidade visível e sensível, e produz um outro mundo, racionalmente compreensível porque reordenado pela própria razão. (2005:184)

As palavras de Bernadette vêm confirmar que existe sim uma relação entre o ideário dos gregos da antiguidade e o da modernidade. Entretanto, ressalta a diferença no que concerne à maneira como estes vêm o mundo, pois este não é apenas um *cosmos* ordenado e organizado. A pura observação na natureza não basta para compreendê-la, é necessário “desmontar” o que vemos e, por meio da razão, remontar de forma cognoscível. É possível conhecer, compreender o mundo natural por meio da razão, mas, para isso não basta observar, é necessário um método.

Os pensadores modernos retomam o significado da expressão grega *ta mathema*, isto é, “conhecimento completo”, racional de ponta a ponta, de que a própria matemática é o exemplo mais perfeito. [...] Tomar a matemática como modelo também significa dirigir a razão segundo determinados procedimentos precisos, como se faz na demonstração de um teorema. (ABRÃO, B. S. 2005:185)

Quando a autora fala de “procedimentos precisos” está se referindo ao método utilizado para se chegar ao “conhecimento completo. A passagem acima nos faz lembrar o filósofo francês René Descartes (1596-1650), pensador intitulado racionalista por alguns, idealista por outros, e que nos parece um símbolo, um ícone, do que chamamos neste estudo de ideal moderno. Sua teoria representa claramente a crença que os “modernos” tinham no poder da razão em conhecer o mundo natural e ressalta a necessidade do método.

“Inexiste no mundo coisa mais bem distribuída que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem provido dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem. E é improvável que todos se enganem a esse respeito; mas isso é antes uma prova de que o poder de julgar de forma correta e discernir entre o verdadeiro e o falso, que é justamente o que é denominado bom senso ou razão, é igual em todos os homens; e, assim sendo, de que a diversidade de nossas opiniões não se origina do fato de serem alguns mais racionais que outras, mas apenas de dirigirmos nossos pensamentos por caminhos diferentes e não considerarmos as mesmas coisas”. (DESCARTES, R. 2005:33)

Para Descartes todos somos dotados de razão, de bom senso – que é a capacidade de julgar o que verdadeiro e o que é falso –, então por que chegamos a resultados diferentes? Por que alguns acertam e outros erram? Segundo o autor é porque partimos de princípios distintos, os quais, por vezes, são questionáveis, e utilizamos métodos diferentes. De modo que busca arquitetar um método (caminho) que permita bem conduzir a mesma, para se chegar a conhecimentos seguros. Contudo ressalta que “meu propósito não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar como me esforcei por conduzir a minha” (DESCARTES, 2005: 37)

Vejamos, então, como o filósofo francês ordenou, ou melhor, conduziu seu pensamento no intuito de estabelecer um princípio indubitável. O primeiro preceito do seu método era o de nunca aceitar

algo como verdadeiro que não conhecesse claramente como tal, ou seja, consiste em duvidar de tudo até que algo se mostre claro e evidente à razão, e aqui se nota os critérios de verdade para Descartes: clareza e evidência. O segundo consistia em repartir cada dificuldade, para analisá-la em tantas partes quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor resolvê-las. A essa segunda etapa se denomina análise, nome que é utilizado na química. O terceiro consiste em conduzir os pensamentos, iniciando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para elevar-se, pouco a pouco, como escalando degraus, até o conhecimento dos mais complexos. A esta etapa denomina-se síntese. E, por fim, o quarto e último preceito consiste em efetuar em toda parte relações metódicas e revisões tão gerais nas quais se tivesse a certeza de nada omitir.

Ao buscar utilizar seu método, o autor deve, necessariamente, cumprir a primeira regra. E é assim, colocando em suspenso tudo o que até então acreditava, que Descartes chega à primeira verdade indubitável de sua filosofia, a saber, o *cogito ergo sum*, que significa *penso, logo sou*. Isso ele faz, principalmente, nas duas primeiras meditações de sua obra *Meditações sobre Filosofia Primeira*, e podemos acompanhar razoavelmente seu raciocínio.

A primeira coisa que é pelo autor colocada em dúvida são os sentidos. “Ora, notei que os sentidos às vezes enganam e é prudente nunca confiar completamente nos que, seja uma vez, nos enganaram” (1999:17). A essa dúvida, porém, Descartes coloca um limite, afirmando que de algumas coisas que os sentidos nos mostram torna-se difícil duvidar, como, por exemplo, “que agora estou aqui, sentado junto ao fogo, vestindo esta roupa de inverno, tendo este papel às mãos e coisas semelhantes” (1999:17). Nota-se que se torna difícil duvidar da existência do próprio corpo, mas o autor ultrapassa essa fronteira ao afirmar que “com frequência o sono noturno não me persuadiu dessas coisas usuais, isto é, que estava aqui, vestindo esta roupa, sentado junto ao fogo, quando estava, porém, nu, deitado entre as cobertas!” (1999:19). Assim, colocando o argumento da dificuldade que existe em separar vigília de sonho, ele mostra a possibilidade de duvidar da própria existência corpórea. No entanto, novamente o autor impõe um limite para sua dúvida, quando escreve que “esteja eu acordado ou dormindo, dois e três juntos são cinco e o quadrado não tem mais que quatro lados” (1999:21). Com isso ele quer dizer que existem certas relações no mundo, que estejamos vigiando ou dormindo, são sempre as mesmas, o que torna difícil a possibilidade de duvidar delas. Entretanto, ele rompe também esse limite com o seguinte argumento:

Suporei, portanto, que não há um Deus ótimo, fonte soberana da verdade, mas algum gênio maligno, e ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe toda a sua indústria em que me engane: pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas nada mais são do que ludíbrios dos sonhos, ciladas que ele estende à minha credulidade. (DESCARTES, 1999:25)

Ao supor a existência de um tal ente, que podemos comparar à “Matrix” contemporânea, Descartes escapa de qualquer limite para sua dúvida, e é por isso que a mesma é chamada hiperbólica, isto é, exagerada. Para garantir a possibilidade de conhecimento verdadeiro, o autor deverá refutar seu argumento mais forte, que é o do ‘gênio maligno’, e é isso que ele fará nas demais meditações, provando a existência de um Deus perfeito, que, por assim ser, jamais poderia ser enganador. É, porém, duvidando radicalmente de tudo que Descartes chega ao *cogito*, e a afirmação que enuncia essa verdade indubitável é a seguinte: “Não há dúvida, portanto, de que eu, eu sou, também, se me engana: que me engane o quanto possa, nunca poderá fazer, porém, que eu nada seja, enquanto eu pensar que sou algo” (1999:39). Essa é, então, a primeira verdade a que chega o autor.

Por sua descrença nos sentidos, Descartes costuma ser rotulado de racionalista, ou seja, daquele que acredita que se conheça verdadeiramente tão somente por meio da razão. Todavia, ele admite a existência de idéias que nos vêm dos sentidos, às quais denomina adventícias, mas, por nos enganarem algumas vezes, não são dignas de confiança. Existem também as idéias que são chamadas de fictícias, que são aquelas formadas por nossa imaginação, utilizando as anteriores. Conhecimento verdadeiro, livre de engano, entretanto, só se tem através das idéias inatas, que ele denomina a marca do Criador na criatura. As idéias de Deus e dos entes matemáticos são desse tipo, e são nestas idéias, com as quais nascemos, que devemos confiar plenamente. Podemos, evidentemente, notar extrema semelhança

entre as idéias inatas de Descartes e as idéias imutáveis de Platão, sendo que estes são, por vezes, intitulados de idealistas, ou seja, aqueles que acreditam no conhecimento através das idéias.

É claro que houveram outras correntes teóricas no período moderno, como o empirismo, cujos representantes mais estudados são John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776) que vão admitir que somos como tabulas rasas, ou seja, “nascemos como folhas em branco”, tudo o que conhecemos é proveniente dos sentidos. Mesmo não admitindo, como Descartes, que as idéias mais confiáveis são as inatas, os empiristas julgam é possível conhecer o mundo, mesmo que não na sua totalidade, visto que os sentidos não nos dão a visão do todo acerca do mundo natural. As explicações continuam se fundamentando em uma racionalidade, ou seja, não há mais a explicação religiosa como pano de fundo.

Em termos gerais, parece-nos que a modernidade pode ser caracterizada como um período em que o homem adquiriu maior autonomia nos mais variados aspectos: artes, economia, teoria do conhecimento, dentre outros. Há uma individualização do homem, em que este se torna o responsável por suas ações e, conseqüentemente, por aquilo que ocorre em decorrência das mesmas. Mudam os valores, o trabalho agora é sinônimo de dignidade, criatividade, inventividade e auto-afirmação do homem como ser capaz de mudar as circunstâncias em seu benefício, como a *virtú* de Maquiavel.

A conseqüência desta “nova” forma de pensar, que tem raízes no ideário da Grécia antiga, é a crença no poder da razão em conhecer o mundo natural, sendo que este conhecimento torna-se algo desejável, necessário e possível de ser alcançado. Conhecer a natureza para poder dominá-la e utilizar seus recursos em benefício do homem, algo que será criticado por Giambattista Vico e depois por Max Horkheimer.

## 1.2- A teoria viquiana no contexto da modernidade

Giambattista Vico (1668-1744), filósofo italiano natural de Nápoles, viveu o auge da modernidade, em meio às grandes descobertas científicas que levaram o homem a acreditar que poderia conhecer o mundo natural e, com isso, dominá-lo, utilizando seus recursos em seu benefício. René Descartes, como observamos anteriormente, buscou, no seu *Discurso do Método*, encontrar um método para que se possa chegar às verdades indubitáveis por meio da razão, chegando ao seu célebre *cogito ergo sum*. Mais tarde viria John Locke e David Hume com a teoria da *tábula rasa*, na qual a única via do conhecimento é a dos sentidos, a razão apenas organiza as informações que recebemos destes.

Mas qual a contribuição de Vico para este cenário de descobertas científicas que visam conhecer e dominar o mundo natural? Nenhuma, mesmo porque ele não tem este intuito. Este filósofo logo no início de sua principal obra, *Ciência Nova*, faz uma crítica ao racionalismo exacerbado, predominante no período moderno, na qual temos:

[...] porque os filósofos até agora, tendo contemplado a divina providência apenas pelo ângulo da ordem natural, demonstraram tão-somente uma parte, pela qual Deus, como *Mente soberana*, livre e absoluta da natureza (com seu eterno conselho, deu-nos naturalmente o ser, e naturalmente no-lo conserva), aprestam-se, por parte dos homens, as adorações com sacrifícios e outras divinas honras; mas não o contemplam pela parte que era mais própria dos homens, cuja natureza possui esta principal propriedade: de serem sociáveis. (VICO, 1999: 29)

Na passagem acima percebemos claramente que Vico parte do princípio de que Deus criou o mundo natural e, portanto, afirma que só Este pode ter conhecimento total acerca do mesmo; de tal modo que se deteria em investigar o mundo social, pois este o homem construiu e, deste modo, pode-se fazer ciência a seu respeito.

A teoria deste filósofo napolitano tem como pano de fundo a busca pela compreensão do mundo social por meio de sua construção, a qual julga ter sido possível por meio da razão, isto é, a vida social foi possível após um longo processo histórico e não ao acaso. O que determina a história dos homens são suas ações, sendo que estas são definidas pela razão em sua busca constante de alcançar melhores maneiras de satisfazer as necessidades dos mesmos. Ainda que não premeditadamente a razão leva os

homens a agirem de uma determinada forma ou de outra e, para Vico, foi ela que levou a humanidade a viver em sociedade.

Nossas palavras podem, talvez, levar o leitor a pensar que a teoria viquiana é racionalista ao extremo e até utilitarista, tal como no pensamento de Bentham e Stuart Mill, o que seria incorreto. Para Vico o homem primitivo tinha a mente confusa e obscura, sua razão agia no intuito de satisfação das necessidades, mas sem premeditação, descaracterizando o utilitarismo. Nesta corrente de pensamento o homem acaba sendo visto pelo lado quantitativo e econômico, ou seja, toda ação visa um bem, sendo que esta é precedida de um cálculo que objetiva prever os benefícios e o grau de satisfação que a compra ou mesmo a venda de algo pode trazer ao indivíduo. O individualismo é acentuado na teoria de Bentham e Mill, pois eles trabalham com a satisfação pessoal do indivíduo, o “eu” está presente todo tempo, sendo que a análise parte principalmente de pressupostos econômicos, e não da pluralidade cultural e do homem enquanto ser social.

Para que possamos compreender melhor a teoria de Vico iremos traçar, de modo sucinto, o percurso percorrido pelo autor no que diz respeito à formação das primeiras sociedades, com objetivo de esclarecer a maneira racionalista e humanista como este pensador aborda o mundo civil.

No intuito de entendermos de forma mais clara o pensamento de Vico é importante esclarecermos dois conceitos importantíssimos, que são o de barbárie e o de providência divina – a qual dará origem à noção de divindade – fundamental para a formação das primeiras sociedades.

A importância de identificarmos o conceito de barbárie reside no fato de que estamos estudando um autor moderno que investiga o surgimento das sociedades antigas, motivo pelo qual devemos identificar qual definição de barbárie se deve admitir para compreendermos a teoria viquiana. Para os antigos, tomando como referência principalmente os gregos, bárbaro era todo aquele que vivesse fora da *polis* e que tivesse uma cultura diferente, ou seja, todo estrangeiro era considerado bárbaro. Para Vico bárbaro é o homem que viveu em um período prévio a origem da vida social, isto é, não é o estrangeiro, mesmo porque ainda não havia vida social e, conseqüentemente, nem cidade, donde tiramos que também não poderíamos admitir a noção de estrangeiro.

A barbárie no sentido em que Vico a considera é, então, um período em que o homem tinha razão obscura e confusa, vivia em um completo isolamento, no qual prevalecia a intolerância e, com ela, o direito da força e da desigualdade, isto é, predominava a “lei do mais forte”, como percebemos nas palavras de Vico:

Mas os homens pela sua corrupta natureza, tiranizados pelo amor próprio, pelo qual seguem senão principalmente a própria utilidade, querem o que é útil para si e nada ao companheiro, não sendo capazes de pôr em conato as paixões, a fim de endereçá-las à justiça. Portanto, estabelecemos: que o homem no estado bestial ama somente a própria salvação [...] o homem em todas essas circunstâncias, ama principalmente a própria utilidade. (1999:136)

Percebe-se, dessa forma, que o homem bárbaro vivia em um estado de completo isolamento, no qual predominava o individualismo absoluto. O homem visava apenas o próprio interesse e não se preocupava com os desdobramentos dos seus atos e em como estes poderiam afetar o outro na busca da satisfação ou sobrevivência. Para Vico, os homens bárbaros viviam como “bestas-feras”, isto é, tinham comportamentos quase animais, pois visavam apenas o que lhes era útil e tinham como única regra a “lei do mais forte”, ou seja, na luta pela sobrevivência valia tudo e o mais forte levava vantagem, pois não existiam regras morais para bem conduzir os homens a uma vida humana em sociedade. O que queremos demonstrar é que a vida social sem regras para conter as ações dos homens seria intolerável, o que leva-nos a um princípio central da teoria de Vico, o de que a vida social só foi possível a partir da formação de uma primeira idéia de divindade, a qual fundamentaria uma moral, ainda rudimentar, para conter as ações dos homens levando-os à vida em sociedade.

No que concerne à formação da idéia de divindade é necessário recorrer novamente às palavras de Vico, no intuito de esclarecermos a distinção feita entre as religiões gentia e a hebraica. De acordo com Vico:

A religião hebraica foi fundada pelo verdadeiro Deus na proibição da divinação, baseada na qual surgiram todas as nações gentílicas. [...] Esta dignidade é uma das principais razões pelas quais o mundo inteiro das nações antigas dividiu-se entre hebreus e gentios. (1999:100)

A principal diferença entre a religião hebraica e a dos gentios é que a primeira foi revelada. Deus se revelou a alguns, que o conheceram e depois os custodiou por intermédio das escrituras sagradas. No que se refere aos gentios, segundo Vico, essa revelação não ocorreu, de tal modo que viviam, inicialmente, como “bestas-feras”, cujo único interesse era manter sua própria existência, sem regras que regessem suas ações, regras essas que aos hebreus foram reveladas.

Então, se não tiveram conhecimento das doutrinas reveladas por Deus, como os gentios chegaram à idéia do seu Criador?

Neste momento faz-se necessário esclarecermos o que Vico entende por providência divina, pois é a partir deste conceito que poderemos compreender como os gentios, que tinham a mente confusa e obscura, chegaram a sua noção de divindade.

Como vimos no início deste estudo, Vico faz uma crítica aos filósofos modernos porque estes trataram a providência divina pelo seu ângulo natural, de tal modo que ele se propõe a abordá-la pelo seu ângulo consentâneo ao homem, isto é, como o entendimento humano, fato que percebemos nas palavras de Guido:

A ação da providência divina não se configura como força sobrenatural, pois, ela não interfere em momento algum nos eventos humanos; a providência se faz presente como força natural e inata que impulsiona o homem ferino na construção da ordem social, na qual ele se reconhece e se realiza. (2003: 35 – 36)

A providência divina é a razão do homem, a qual foi concedida a ele na sua criação, de maneira que esta não pode ser considerada como uma intervenção de Deus na vida humana, isto é, a providência divina é natural ao homem, pois ela faz parte da sua natureza desde a criação. Vico admite que o homem é naturalmente um ser racional, sendo que esta racionalidade é providente de Deus, o qual criou o homem com esta capacidade de pensar e julgar abstratamente. Porém, é importante deixar claro que apesar de ter essa capacidade o homem gentio ainda não a tinha desenvolvido e, por tal motivo, ainda não conseguia formular conhecimentos abstratos, de maneira que tudo que conheciam era de forma imediata – sem mediação –, tendo como único meio para tal os sentidos.

Agora que esclarecemos, mesmo que de forma sucinta, o que é a providência divina na teoria de Vico, podemos passar à análise de como os gentios chegaram à sua noção de divindade.

A primeira idéia de divindade formada pelos gentios está intrinsecamente ligada à razão, que era ainda muito obscura e rudimentar. Um indício que leva a essa conclusão é que devido à ignorância das causas de fenômenos naturais que ocorriam a sua volta, eles acabavam por atribuir aos deuses a causa de tudo aquilo que viam, tomando como tentativas dos deuses de comunicarem seus desejos, ou seja, um sinal divino para orientar as ações dos homens.

Vico cita alguns desses sinais divinos, como por exemplo, o trovão, os raios e eclipses. Mas como homens de razão tão obscura poderiam interpretar esses sinais divinos? Será que havia algum critério para interpretação? E se havia, qual era?

Partindo do princípio estabelecido por Vico de que o interesse dos homens, em seu estado ferino, é o que lhes é útil, isto é, que o homem vive de maneira a satisfazer suas necessidades, parece claro que o critério deve ter sido a necessidade que o grupo tinha no momento. Portanto, aqueles que se dispuseram a pensar esses sinais os interpretavam de forma que o significado do sinal melhorasse as condições de vida do grupo.

Contudo, é importante reafirmar que Vico não está dizendo que o princípio básico para a formação das primeiras sociedades foi um utilitarismo, mesmo que primitivo, pois como dissemos anteriormente a doutrina de Bentham e Mill presumia uma premeditação das ações humanas tendo em vista a vida em sociedade para se beneficiar das próprias ações e das ações alheias. Os gentios não tinham uma

abstração tal que propiciasse essa premeditação no intuito de se beneficiar da vida social. No que concerne às interpretações feitas pelas potestades paternas<sup>5</sup>, também não podemos supor um planejamento prévio na forma de interpretar os “sinais divinos”, pois inclusive os que interpretavam acreditavam em suas adivinhações.

A partir das várias adivinhações feitas pelos pais de família é que surgiram as religiões e, com estas, os costumes morais que tiveram a função de conter as ações dos homens, o que tornou possível à vida social. Dito de outra forma, a providência divina é a razão do homem, sendo que foi por meio dela que o gentio chegou à sua idéia, mesmo que confusa, de divindade, sendo que foi a partir da crença em tal divindade que formaram seus costumes morais no sentido de conter as ações dos homens possibilitando, assim, condições favoráveis à vida social.

O que percebemos após essas reflexões é que o homem bárbaro vivia com vistas a satisfazer suas necessidades, sendo que sua razão tem a função de estar sempre buscando melhores maneiras para que o homem alcance esse objetivo, isto é, a história do homem consiste em um progresso da razão sempre no intuito de alcançar a melhor forma possível de satisfação em todos os aspectos, o que percebemos nas palavras de Guido, quando diz que “o desenvolvimento da mente humana é um processo histórico que é dado a conhecer por intermédio da observação de suas mudanças”. (2001: 83)

Na teoria de Vico, a busca da razão no intuito de atender as utilidades do homem é que os conduziu, durante um longo processo, a uma vida em sociedade, mesmo porque o homem, para o autor, é um ser naturalmente sociável, porém essa sociabilidade está ligada à necessidade, isto é, a vida social é cômoda ao homem em vários sentidos, e a razão do homem o levou, propiciando gradativamente as condições necessárias, a viver em uma humana sociedade. Para fundamentar nossa argumentação, recorremos a Guido, que diz:

Desamparados, esses primeiros homens, de início procuraram adivinhar as vontades das forças desconhecidas que, por sua vez, passaram a receber a denominação de divindade. Isto demonstra o princípio racional das religiões bárbaras, que foram criadas pelos homens por intermédio dos seus instintos de sobrevivência e pelo temor do desconhecido. (2001: 86)

Buscamos demonstrar como Vico estabelece uma relação necessária entre a razão e a história, ou seja, para o autor a história é uma construção do homem. Em outras palavras, as ações dos homens é que determinam os acontecimentos históricos, e o que determina estas ações é a razão, na busca pela satisfação das utilidades da vida do homem.

Do que tratamos até o momento podemos dizer que Vico é filho do seu tempo, pois carrega características explícitas do período moderno, e isso é que o torna tão original. O racionalismo e o humanismo que são peculiares à modernidade estão presentes na teoria de Vico. O que muda é o enfoque da investigação, que passa do campo natural para o social.

É racionalista porque acredita que a razão pode conhecer o mundo social, porque ela mesma, na busca da satisfação das necessidades do homem, o criou historicamente. Já foi, inclusive, tido como precursor do Positivismo, ao lado de Montesquieu e Bacon pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos em sua obra *Um Discurso sobre as Ciências*. Este pensador defendeu que Vico, ao investigar a origem das nações, estabeleceu que há uma certa previsibilidade nos acontecimentos, fato que discordamos completamente.

José Manoel Servilla<sup>6</sup> diz em um artigo seu publicado na revista *Educação & Filosofia* sobre Vico e sua relação com o pensamento moderno:

Porque Vico, maior em vontade histórica que o próprio Ortega, é como nenhum outro o pensador do *humano*, o Prometeu que devolve aos homens sua dignidade de seres históricos e sua capacidade autosugestiva conforme as possibilidades da própria mente, o Copérnico das ciências humanas que

<sup>5</sup> Pais de família que primeiro se dispuseram a adivinhar, “interpretar”, os fenômenos naturais que estes consideravam os sinais divinos.

<sup>6</sup> Professor titular de Filosofia da Universidad de Servilla e diretor da Revista *Cuadernos sobre Vico*. Este artigo foi traduzido para o português pelo professor Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

luta contra a aderente via logocêntrica de uma razão pura, o pensador *contra-corrente* que frente a toda ignorância e alienação do humano reivindica o valor do homem e de toda a história, assim como a prioridade necessária do seu estudo integral. Não sem falta de razão, tanto ontem como hoje, dirá Vico em seu “De mente heróica” que “deficiente e nociva é a cultura de quem se atira de cabeça, com todo o seu peso, sobre uma única disciplina, limitada e particular”. (2001: 28 – grifos do autor)

Servilla evidencia, com a passagem acima, a busca de Vico por um retorno ao humanismo por meio da sua filosofia da história, pensar o homem enquanto um ser racional e histórico e devolvê-lo o que lhe é mais próprio, o que o torna humano, com sua natureza imprevisível. Demonstra também a crítica que o pensador italiano faz à enorme incapacidade, ou inexatidão das ciências naturais.

Como falar de previsibilidade das ações humanas e leis universais que governam as ações sociais em uma teoria que a todo o momento tenta demonstrar como a razão do homem foi capaz de construir uma vida social sem premeditação; forma preceitos morais a partir de uma religião pautada em deuses imaginados? Vico demonstrou, a nosso ver, como a razão do homem é surpreendentemente capaz de produzir coisas formidáveis, mas de modo algum pode ser previsível. Ela formou para si, quase que inconscientemente, os costumes morais e os fundamentou no sentido de viver de maneira mais cômoda, com objetivo de satisfação das necessidades, ou seja, viver em sociedade.

Temos nas palavras de Sertório de Amorim e Silva Neto acerca do conhecimento histórico proposto por Vico:

Para Vico, a verdade se determina *per causas*, isto é, como o reconhecimento interior das causas daquilo que nós mesmos produzimos. Pelo mesmo princípio não produzimos o mundo natural, porque não produzimos interiormente suas causas; desse modo, diante da natureza, o homem se limita ao **registro do ocorrido** ou se restringe a uma descrição anatômica do mundo natural. Já o mundo humano, ao contrário do natural, é fruto direto das vontades e ações humanas e possui seus mecanismos de causalidade dentro do próprio homem. Nestes termos, o homem conhece desde dentro, **dispondo seus motivos e intenções**. (SILVA NETO, 2001: 181)

Silva Neto explicita bem o por que da crítica de Vico ao pensamento moderno, do mesmo modo que demonstra o porque é possível conhecer o mundo social. Como compreender algo apenas pela observação, sem conhecimento daquilo que produziu o observado? As ciências naturais compreendem realmente a natureza, ou apenas a descrevem em momentos isolados, admitindo CNTP – Condições Normais de Temperatura e Pressão –, como na química? Elas produzem conhecimento ou paradigmas, como temos na teoria de Thomas Khun?

Vico diz em sua *Ciência Nova* que “o homem, por indefinida natureza da mente humana, onde quer que esta precipite na ignorância, ele faz de si regra do universo” (1999:91) e continua dizendo que “outra propriedade da mente humana é que os homens, sempre que das coisas remotas e desconhecidas não podem fazer nenhuma idéia, estima-nas pelas próprias coisas conhecidas e perenes (1999:91). Estas duas frases do autor retratam, por exemplo, o *Cogito* cartesiano, o que melhor ilustra o “faz de si regra do universo” que “penso logo existo”. Descartes se colocou, enquanto ser pensante e existente, como o primeiro fundamento indubitável para se chegar a um conhecimento.

Vico diz que a filosofia considera o homem tal como ele deve ser e que, deste modo, não aproveitará senão a pouquíssimos; e que, ao contrário, para que ela possa servir ao gênero humano deveria pensar o homem “sem lhe distorcer a natureza”, isto é, aceitando-o tal como é. Vico é um racionalista, pois acredita que a razão do homem, na busca constante de satisfação de suas necessidades, é que constrói a história. Contudo, o consideramos também um humanista visto que se preocupa em pensar o homem como ele é, partindo daquilo que lhe é mais intrínseco: o meio social, a cultura e a educação. E é nesta perspectiva, de pensar o homem sem lhe distorcer a natureza, que nos pautaremos para desenvolver nosso tema de pesquisa, que versará sobre a crítica de Vico aos moldes educacionais adotados na modernidade – os quais até hoje são a base de muitos modelos

contemporâneos –, bem como a sua proposta para a educação. Dessa maneira nosso estudo consistirá em demonstrar a crítica de Vico ao *Ratio Studiorum* e aos manuais de *Port-Royal*, os quais julgamos que admitem o homem como deveria ser e não como é. O autor que nos propomos a estudar julga ambos inadequados: o primeiro pelo formalismo e obviedade dos exercícios propostos aos alunos e o segundo pelo grau de dificuldade dos exercícios e dos raciocínios abstratos, considerados prematuros para a idade crianças. O filósofo italiano admite a educação como um processo de formação e não de ensino/aprendizagem. Outro fator importante é que ele defende que o homem tem um processo de desenvolvimento intelectual que deve ser respeitado e que interferir – no sentido de não respeitar o modo como ele se dá – neste processo pode implicar em uma interrupção do processo de desenvolvimento, ou mesmo um refrear do pensamento próprio do ser humano. Para Vico o homem tem que passar de maneira natural pelos diferentes estágios de desenvolvimento da sua razão, na infância predomina a fantasia, a criação, o evoluir pelo que é percebido pelos sentidos; na adolescência tem-se a evolução para os questionamentos do que se tem como certo na infância, é um período de reflexão e abstração mais elevado; e na fase adulta temos uma maior maturidade da razão, momento em que o homem passa a uma reflexão mais atenta sobre o mundo que o cerca, no sentido de estabelecer sua relação com este nos seus mais variados aspectos, seja político-cultural, econômico, dentre outros.

No entanto, esta crítica de Vico aos modelos educacionais modernos, objeto principal deste estudo, será abordada de forma bem mais pormenorizada nos demais capítulos deste trabalho.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ABRÃO, Baby. Bacon. In: *Grandes filósofos: biografia e obras*. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p. 113-115. (Coleção Os Pensadores)

ABRÃO, Bernadette Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2005, p.125-294. (Coleção Os Pensadores)

BELLONE, Enrico. Os Alicerces da mecânica. In: **Gênios da Ciência: Da Vinci** - Scientific American Brasil. Tradução de Pedro Dantas, Valéria Ximenes e Wagner Amoroso. São Paulo: Duetto Editorial, 2005

BERLIN, I. *Vico e Herder*. Tradução de Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 5 – 130. (Coleção *Pensamento Político*, v. 49)

DESCARTES, René. Discurso do Método. In: *Descartes*. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Coleção Os Pensadores)

DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira* Tradução e nota prévia de Fausto Castilho. Campinas: Edições COMODECON/IFCH UNICAMP, 1999.

GUIDO, H. A. O. A questão do método nas ciências humanas e o retorno ao racionalismo. In\_\_\_\_. *Anais de Filosofia*, São João del-Rei, n. 06, julho de 1999, p. 223 – 230.

\_\_\_\_. O sentido racional da história: A descoberta dos tempos obscuros segundo G. Vico. In\_\_\_\_. *Philosophica*. Revista de Filosofia da História Moderna, São Cristóvão, n. 02, março de 2001, p. 71 – 104.

\_\_\_\_. Providência divina e razão na história: Vico e a filosofia moderna. In\_\_\_\_. Mário Donatelli; Edmilson Menezes (org.) *Modernidade e idéia de História*. Ilhéus: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2003, p. 30 – 43.

LAURENZA, Domenico. *No ateliê, os primeiros passos*. In: **Gênios da Ciência: Da Vinci** - Scientific American Brasil. Tradução de Rita de Lucca, Elena Lovisolo, Giulia Lovisolo, Alexandre Massella, Luis Reyes Gil. São Paulo: Duetto Editorial, 2005.

RISÉRIO, A. A via Vico. In\_\_\_\_. Revista USP: Dossiê Nova História, São Paulo: Edusp, n. 23, set, out, nov de 1994, p. 35 – 47.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos: Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência Grega*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção Filosofia nº. 81)

VICO, G. *A Ciência Nova*. Tradução, prefácio e notas de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999.